

O Tempo Entre Nós

Tamara Ireland Stone

ASA

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA

Até desta distância consigo ver como ele parece jovem. Mais jovem do que da primeira vez que o vi.

Ele e os amigos passaram as duas últimas horas a andar de *skate* no Parque Lafayette e agora estão espojados na relva, a embarcar *Gatorade* e a partilhar um pacote de *Doritos*.

– Desculpa.

Oito cabeças de dezasseis anos viram-se na minha direção, com um ar confuso e depois curioso.

– És o Bennett? – pergunto, esperando que ele anua com a cabeça, apesar de eu ter a certeza de que é ele. Reconhecê-lo-ia em qualquer parte. – Posso falar contigo por um instante? A sós?

As suas sobrancelhas unem-se, mas depois ele levanta-se e vira o *skate* ao contrário com um piparote, para o impedir de deslizar pelo declive. Apanho-o a olhar para trás para os amigos e a encolher os ombros, enquanto me segue até ao banco mais próximo. Senta-se na outra ponta, o mais longe de mim que lhe é possível.

Tudo nele é tão semelhante, tão familiar, que eu quase me chego a ele, para preencher a distância, como teria feito com tanta naturalidade quando era mais nova. Mas dezasseis anos se tinham interposto entre nós, e isso basta-me para me manter do meu lado do banco.

– Olá. – A minha voz treme e eu enrolo no dedo uma madeixa encaracolada de cabelo antes de me recompor e tornar a colocar a mão nos meus flancos, fazendo pressão com as duas palmas das mãos nas ripas de madeira.

– Hmm... Olá? – diz ele. Analisa-me através do silêncio desconfortável. – Desculpe, eu devia conhecê-la, ou assim?

O meu instinto é dizer que sim, mas, ao invés, detenho-me, comprimo os lábios e abano a cabeça. Ele não me conhece. Ainda não. – Chamo-me Anna. Toma. – Levo a mão à mala, tiro de lá um envelope branco selado e sorrio, no momento em que lho entrego.

Ele pega na carta e vira-a ao contrário algumas vezes.

– Achei que seria mais seguro explicar por escrito. – As minhas palavras seguintes são as mais importantes. Depois de todo o treino, já deveria ter aperfeiçoado esta parte, mas, para me assegurar, revejo cada palavra na minha cabeça. – É muito fácil que hoje eu diga a coisa errada, e, se a disser, podemos nunca sequer nos conhecer.

A sua cabeça ergue-se como uma mola e ele olha especado para mim, de olhos esbugalhados. Nunca ninguém lhe disse nada do género e, com aquela única afirmação, ele percebe que eu conheço o seu segredo.

– É melhor eu ir. – Ponho-me de pé. – Lê isso quando estiveres sozinho, está bem? – Deixo-o no banco e desço novamente a encosta. Mantenho os olhos colados a um único barco à vela que desliza pela Baía de São Francisco, para não olhar para trás. Depois de anos de agonia por causa deste momento, tenho esperança de me sentir aliviada, mas não sinto – limito-me a sentir de novo a falta dele.

O que acabei de fazer pode mudar tudo ou pode não mudar nada. Mas eu tenho de tentar. Não tenho nada a perder. Se o meu plano não resultar, a minha vida ficará na mesma: Segura. Confortável. Perfeitamente mediana.

Mas não foi essa a vida que escolhi originalmente.

março de 1995



1.

EVANSTON, ILLINOIS

Sacudo os braços para fazer o sangue fluir, embalo a cabeça para a frente e para trás até ouvir um pequeno estalido e inspiro fundo o ar do início da manhã, que é tão frio que até pica, ao descer. Ainda assim, consigo fazer um agradecimento silencioso mais quente do que o da semana passada. Aperto o cinto de neopreno que sustém o meu *Discman* à volta da cintura e aumento o volume da música, para que os Green Day soem alto nos meus ouvidos. E depois arranco.

Faço a habitual série de voltas pelo meu bairro até chegar ao circuito de corrida que abraça a espelhada vastidão do lago Michigan. Viro-me para trás na última volta, para proporcionar a mim mesma uma vista nítida do percurso até à pista da Universidade Northwestern, e vejo o homem com o colete verde. À medida que corremos na direção um do outro, os nossos rabos-de-cavalo – o dele grisalho, o meu desgrenhado – balançam para a frente e para trás, e nós erguemos as mãos e fazemos um ligeiro aceno um ao outro.

– Bom dia – digo, quando nos cruzamos.

O sol vai-se erguendo lentamente sobre o lago à medida que eu viro para o campo de futebol, e, quando os meus pés entram em

contacto com a superfície esponjosa da pista, sinto um novo ímpeto de energia que me faz apanhar o ritmo. Vou a meio da volta quando o CD torna a mudar de música, e a nova canção transporta-me de volta à noite anterior, na cafetaria. A banda era espantosa, e, quando tocaram estas primeiras notas, tudo aquilo explodiu, com toda a gente em simultâneo aos saltos e a dar à cabeça, enquanto a linha que nos separa a nós, alunos do Secundário cá da terra, dos estudantes universitários de passagem desapareceu por completo. Olho rapidamente em redor para me assegurar de que estou sozinha. Tudo o que vejo são filas atrás de filas de bancadas de metal, sob o peso de uma camada de neve de inverno que ninguém se deu ao trabalho de limpar, por isso desato a cantar o refrão aos berros.

Contorno as curvas a correr, com as pernas a latejar, o coração a bater forte, os braços a inflar. Inalando ar ártico. Expirando vapor. Desfrutando dos meus trinta minutos de solidão, quando sou só eu e a minha corrida e a minha música e os meus pensamentos. Quando estou completamente sozinha.

E é então que me apercebo de que não estou. Vejo alguém nas bancadas, enterrado até à anca no gelo aveludado da terceira fila e impossível de passar despercebido. Está simplesmente ali sentado, com o queixo apoiado nas mãos, uma parca preta vestida e um ligeiro sorriso, a observar-me.

Roubo-lhe alguns olhares de relance mas continuo a correr, fingindo não me importar com a presença dele no meu santuário. Tem aspeto de ser aluno da Northwestern, talvez um caloiro, com cabelo escuro e desgrenhado e feições suaves. Não tem um ar ameaçador, mas, mesmo que seja, eu consigo correr mais do que ele.

Mas, e se não conseguir?

A minha mente salta para os cursos de autodefesa que o meu pai me obrigou a fazer quando comecei a correr quando ainda era quase de noite. Joelho contra a virilha. Golpe no nariz com a palma da mão. Mas, primeiro, devia-se tentar evitar o confronto, através de um simples reconhecimento da presença do atacante. O que me parece muito mais fácil.

Ao contornar a curva, aceno-lhe ao de leve com a cabeça e lanço-lhe um olhar que provavelmente transmite um estranho misto de medo e tenacidade – como se estivesse a desafiá-lo a avançar, mas aterrorizada pelo facto de ele o poder fazer. E, quando passo por ele em corrida, fitando-o lá de baixo, vejo o seu rosto a mudar. O sorriso desaparece e agora ele parece triste e abatido, como se eu tivesse acabado de usar aquelas técnicas de autodefesa para lhe dar um murro no estômago.

Mas depois, enquanto sigo a curva da pista e começo a dirigir-me de novo para ele, olho para cima, mesmo na sua direção. Ele faz-me um sorriso mais hesitante, mais meigo, como se me conhecesse. Genuíno, como se pudesse ser alguém que merecesse ser conhecido. E não consigo evitar. Retribuo o sorriso.

Ainda estou a sorrir quando faço a curva seguinte, e, sem sequer pensar, viro-me para trás a meio da passada e olho de novo para ele.

Desapareceu.

Giro sobre mim mesma enquanto os meus olhos perscrutam a pista em busca dele e depois dou uma corrida até às bancadas. Hesito por um segundo e começo a perguntar-me se ele alguma vez ali esteve mesmo, mas ganho coragem e subo as escadas com esforço.

Ele não está lá, mas esteve. Deixou provas: marcas de neve compactada no sítio onde se sentou. No banco por baixo, duas depressões mostram o sítio onde os seus pés se apoiaram.

E é então que reparo numa outra coisa.

As minhas próprias pegadas estão claramente marcadas no pó em meu redor, mas, no sítio onde deveriam estar as dele – a caminho do banco e à saída do mesmo – não vejo nada além de uma espessa camada de neve incólume.

2.

Vou a correr para dentro de casa e subo dois degraus de cada vez. Ligo o chuveiro, dispo a roupa encharcada em suor e fico nua a emborcar um copo de água enquanto deixo o vapor encher a casa de banho. O meu reflexo no espelho do armário dos medicamentos esbate-se por detrás da névoa espessa, e, quando a minha imagem se obscurece por completo, passo a palma da mão pelo vidro, abrindo um trilho pontilhado na condensação. Analiso de novo o meu rosto. Estarei doida?

Passo todo o tempo do duche a perguntar-me se ele seria real, a quem poderei contar e de que modo conseguiria fazer essa conversa parecendo uma pessoa sã. Enquanto me visto para ir para a escola, o rosto dele continua a assolar-me os pensamentos, mas eu dou o meu melhor para afastar aquilo da mente e tentar convencer-me a mim mesma que tudo não passou de imaginação minha. Ainda assim, juro evitar a pista durante o resto da semana. Sei o que vi.

Afasto os pensamentos à medida que corro o fecho das botas e me miro uma última vez no espelho de corpo inteiro. Passo os dedos pelos caracóis para os pentear, espremo-os com as mãos e torno a sacudir a cabeça. É escusado.

Ao lançar a mochila sobre o ombro, obrigo-me a seguir para o meu ritual matinal. Ponho-me diante do mapa que decora a maior parede do meu quarto, fecho os olhos, toco-lhe e torno a abri-los. Callao, Peru. Boa. Estava com esperança de que fosse um sítio quente.

Certo dia, no verão passado, o meu pai, pensando nos meus sonhos de viagem, passou uma hora em segredo na garagem a colar um gigantesco mapa-mundo em papel a um painel de *K Line*. – Podes marcar todos os sítios aonde fores – disse ele, entregando-me uma caixinha de pioneses vermelhos. Fiquei ali parada a olhar para aquilo – uma colorida extensão de papel, com cordilheiras montanhosas topográficas e tons variáveis de azul para representar as diferentes profundidades do oceano – e vi um mapa do mundo, mas percebi que não era o meu. O meu mundo era muito, mas muito mais pequeno.

Depois de o meu pai sair do quarto, espetei, um a um, os pequenos pioneses no papel. A minha turma tinha visitado a capital estadual no ano passado, portanto pus um pionés em Springfield. Uma vez fui acampar com a família em Boundary Waters, por isso pus um pionés no nordeste do Minnesota. Passámos um Quatro de Julho em Grand Rapids, no Michigan. A minha tia vive no norte do Indiana e nós vamos lá duas vezes por ano. E pronto. Quatro pioneses.

De início, só consegui ver aquele patético pequeno aglomerado de vermelho perto do estado de Illinois, mas agora olho para o mapa da maneira que o meu pai pretendia. Como se estivesse a pedir-me que visse cada centímetro quadrado com os meus próprios olhos, desafiando-me a tornar o meu mundo cada vez maior e maior, pionés a pionés.

Lanço um último olhar ao mapa e desço as escadas em direção ao glorioso aroma proveniente da cozinha. Nem preciso de chegar ao patamar para saber que o meu pai está parado diante da cafeteira, a servir duas canecas – uma de café simples para ele, outra de café com leite para mim. Aceito a minha caneca da sua mão estendida. – Bom dia. A mãe já saiu?

– Saiu antes de ti. Turno matutino. – Observa-me a dar um gole e depois espreita de relance pela janela da cozinha. – Para onde é que foste correr hoje? Ainda está muito escuro lá fora. – Parece preocupado.

– Para o *campus*. O costume. – Nem pensar em falar-lhe do rapaz que estava na pista. – E está um gelo... foi um primeiro quilómetro e meio difícil. – Sirvo-me de uma tigela de cereais e deixo-me cair sobre o banco alto da bancada. – Sabes que a tua companhia será bem-vinda. – Sorrio-lhe. Sei o que se segue.

Ele olha para mim, de sobrancelhas levantadas, e abana a cabeça. – Acorda-me uma manhã qualquer em junho, que eu vou correr contigo. Até lá, não me tiras da minha cama quentinha para esse tipo de tortura.

– Mariquinhas.

– Sim. – Ele assente com a cabeça e eleva a caneca de café num brinde a fingir. – Sou, sim. Ao contrário da minha Annie. – Depois, abana a cabeça. – Criei um monstro. – Foi o meu pai que me transformou numa corredora. Na Escola Secundária, ele fora finalista estadual de Corta-Mato do Illinois. Passados que estão os seus dias de glória, agora ele é o tipo maluco de casaco desportivo académico que está parado no final no percurso, a bater palmas e a incentivar-me numa voz troante que ameaça deitar abaixo os mais robustos carvalhos da floresta. Agora que terminou a época de corta-mato e eu estou a correr em pista, onde nunca o perco de vista e não há árvores para o abafar, a coisa piorou. Apesar de ser mais do que constrangedor, ele é dedicado. Em compensação, é o único que ainda tem o direito de me tratar por Annie.

O meu pai regressa ao seu jornal enquanto eu emborco o meu café e termino os cereais numa quietude confortável. Ao contrário da minha mãe, que parece sentir-se obrigada a preencher o silêncio, o meu pai permite-lhe que se instale como um membro da família. Mas é então que a buzina grave de Emma rompe a calma.

– Aí tens a tua inglesa. – O meu pai solta um dos lados do jornal e acena-lhe com a mão.

O carro está no caminho de acesso à casa, com o motor a trabalhar, e eu dirijo-me para lá o mais depressa que consigo sem escorregar no cimento coberto de gelo. Solto um ligeiro suspiro de alívio quando abro com balanço a porta do *Saab* novinho e reluzente de Emma e me deixo cair no cabedal quente.

– Bom dia, querida – chilreia Emma Atkins com o seu sotaque britânico. Põe a mudança em marcha atrás e sai disparada do caminho de acesso. – Já sabes? – pergunta, de modo atabalhado, como se as palavras tivessem estado trancadas no porta-luvas e ela agora as tivesse finalmente libertado.

– Claro que não. – Olho para ela e reviro os olhos. – Porque é que haveria de saber alguma coisa antes de ti?

– Hoje chega um miúdo novo. Acabou de chegar da *Califórnia*. Pode ser bom, certo? – Embora Emma já tenha visto o mundo, não viu grande coisa dos Estados Unidos para lá do Midwest. Para ela, a Califórnia parece uma fantástica singularidade americana, como o leite-creme congelado ou um cachorro forrado a farinha de milho e empalado num pau.

– Tudo o que seja novo é bom – digo, e, quando me viro para olhar para ela, reparo que está a usar mais do que a quantidade habitual de sombra para os olhos, acessórios adicionais e a minissaia do uniforme a que ela subiu a bainha para se tornar «mais mini». Era evidente que o rapaz novo fazia parte dos seus pensamentos desde que ela acordara de manhã. Quando paramos no semáforo, vejo-a a esticar o pescoço para olhar para o espelho retrovisor e borrar o batom com a ponta do dedo. Não é que ela precise de ajuda suplementar. Ela é inglesa, mas parece mais uma supermodelo brasileira, com as suas maçãs do rosto proeminentes e bem definidas e os olhos escuros e sensuais. Hoje nem me dei ao trabalho de pôr batom de brilho, e, quando entrarmos juntas na escola, esteja Emma toda embonecada para o rapaz novo ou não, eu sei para qual de nós as cabeças irão virar-se.

Ainda mais extraordinário do que o esforço adicional que ela fez com a sua aparência, é o facto de não se ter dignado a ligar a música.